

A Educação Física e a

Afirmção de princípios e doutrina da nossa Escola, estabelecendo o conceito oficial do Exército, sobre o valor da Educação Física na preparação guerreira de uma Nação.)

É interessante observar a febril importância que cada vez mais se vem dando à Cultura Física, que aparece agora como uma nova conquista do desenvol-

Guerra

Cap. **DANILO DA CUNHA NUNES**

os seus sentidos, para divisar ao longe seus inimigos, precisá-los na sombra, caracterizar os menores ruídos, evidenciando

o seu desenvolvimento, mantendo-se na Época Antiga com os Egípcios, Hindús e Chineses, persistindo ao lado do apogeu e triunfo do Idealismo Grego, resistindo à penumbra da Idade Média, aumentando de importância cada vez mais com o Renascimento, perdurando até os nossos dias, onde se afirma como o obje-



vimento e progresso das grandes nações contemporâneas. Entretanto, desde o aparecimento da Espécie Humana sobre a terra, existiu Educação Física, que sempre constituiu uma das maiores preocupações de todas as Civilizações Antigas.

Muito embora não tenhamos dados concretos sobre a existência do Homem Primitivo, fácil é concluir que premido pela adversidade do meio-ambiente, cercado de perigos e violências, fragil entre os seres gigantesco que então existiam, o Troglodita procurava aguçá-lo ao máximo

dessa forma uma Educação Sensorial, que era, em última análise, o recurso desesperado para fazer face ao ambiente antagônico que o cercava.

Quando, mais tarde, com o evoluir dos seus conhecimentos, já se submeteu a um treinamento que lhe permite aperfeiçoar sua habilidade guerreira, obtendo com suas armas rudimentares, sejam elas a pedra, a flecha ou a lança, um maior rendimento em alcance e precisão, já vemos surgir a Educação Física com o característico Utilitário-Guerreiro. É este o ca-

tivo principal da Cultura Física Contemporânea.

Muito embora grande haja sido o desenvolvimento das Práticas Físicas entre os Hindús e Chineses, pois lá já encontramos a preocupação da Helioterapia, da Crenoterapia e Ginástica Ortopédica, e ainda, as bases gerais de um dos métodos mais populares da nossa época, o método Sueco, vai ser entre os Gregos que a Cultura Física atingirá o seu prestígio inconfundível, onde, ao par de um desenvolvimento artístico e cultural, é realiza-

da a Educação Integral, princípio de educação que se afirma hoje, como noção básica do aperfeiçoamento da humanidade.

Na Grécia, não foi apenas um lema, como foi na China, onde a personalidade marcante de Confúcio, o proclamava para a salvação de seu povo; não foi somente o postulado de vida das castas superiores dos Guerreiros Híndus, foi muito mais que isso; foi uma realidade de cada dia, foi o arcabouço da Civilização Grega, foi um exemplo à posterioridade e que hoje, decorridos 25 séculos, procuramos com afã reproduzir.

A sua História, civada de lendas, que colocavam os heróis gregos como adversários dos poderosos deuses do Olimpo em lutas titânicas em que os louros das vitórias eram igualmente repartidos, conta-nos, também que, em quase todas as cidades helênicas, os reis e altos personagens julgavam-se descendentes dos deuses que, em suas contínuas peregrinações pela terra em seus carros de nuvens, davam aos mortais a honra de sua atenção, deixando assim numerosa prole.

Assim, na grande ânsia de perfeição, a ambição máxima do jovem grego era esse aperfeiçoamento ideal que transformando-o num atleta e num herói, lhe traria talvez a aureola de um semi-deus, através do milagre da Educação Integral, sob o triplice aspecto moral, intelectual e físico, verdadeiro fundamento, na formação de seus filósofos, artistas e guerreiros.

Era uma causa puramente psicológica que o impulsionava nessa ânsia de perfeição, era essa atmosfera heróica que ele respirava desde o seu nascimento, era aquela poeira luminosa dos feitos magníficos do passado que o envolvia em toda sua vida, era o atavismo, fruto da tradição guerreira de sua gente, que determinava o ciclo de sua existência.

E tanto era realidade esse ambiente de heroicidade que quando o rei Ititos da pequena região de Elida resolve instituir uma competição esportiva que reunisse periodicamente toda a mocidade atlética e guerreira da Grécia, viu sua iniciativa acolhida com intenso entusiasmo, surgindo dessa forma as grandiosas competições que foram os Jogos Olímpicos da Antiguidade.

Dentro em pouco o vencedor olímpico era um ser que gozava das maiores regalias e prerrogativas entre os seus concidadãos. As cidades abriam brechas em suas muralhas para recebê-los, significando, dessa forma, a sua imortalidade. A multidão em delírio erguia-lhes altares e estátuas, e em Sparta, a Cidade Guerreira, o vencedor olímpico tinha a suprema glória de combater nos lugares da maior petigo.

E dessa forma eram tão grandes o prestígio e as honrarias que cercavam os vencedores das olimpíadas, que os Jogos Olímpicos vão se transformar no mais poderoso incentivo para a Cultura Física.

E como se explica essa apoteose de glórias e recompensas?

Naquela época, ao contrário dos nossos dias, as musas e as letras eram irmãs gêmeas da Cultura Física.

Eram os magníficos tipos de atletas e guerreiros vencedores nas competições Olímpicas que um Praxiteles, um Miron e um Policleto modelariam em obras primas de estatuária.

Nos episódios esportivos e heróicos era que Píndaro, Simonides, Bachelides, iriam buscar inspiração para os magníficos poemas que fazem hoje a nossa admiração.

Era porque desde o início se desenvolviam paralelamente a Educação Física Moral e Intelectual, e as Musas e as Letras sincronizavam com a Cultura Física.

Nas arenas Olímpicas, encontravam-se um Hieron, rei de Siracusa, um Tíron, tirano de Agrigento, Arcelidas, rei de Si-

rene e um Alecbiades, que invocavam suas proezas esportivas como os maiores títulos de glória, merecedores da eterna gratidão pública.

Sofocles, o intelectual, antes de seus leuros literários, arrebataria trofeus esportivos nos Stádios de competição e Platão, o grande filósofo, cuja fama se projeta até hoje com tão extraordinária intensidade, era assim chamado em virtude da largura dos seus ombros de lutador.

Entretanto, nos nossos dias, o contraste é flagrante, um intelectual tem que ser um fraco, um doente, e um grande atleta tem que ser um indivíduo de acanhada inteligência.

Mas, por que sempre se verifica isso? Porque se perpetua esse erro, que mais do que um erro, é um absurdo, mais do que um absurdo, é um crime. E' porque infelizmente, por uma maldadada iniciação educacional, nossos filhos, desde a infância, ou se dedicam a parte esportiva, negligenciando seus estudos para um plano manifestamente inferior, ou com grande exclusividade, só tratam do seu preparo intelectual em detrimento do seu aperfeiçoamento físico.

A realidade é a geração que nos cerca, dividida em castas, a dos intelectuais, a dos esportistas, a grande massa amorfa dos indiferentes, e, finalmente, o pequeno núcleo que batalha incansavelmente pela Educação Integral, e pela regeneração total de nossa Raça.

Infelizmente, a grande maioria é de indiferentes e intelectuais mal orientados, indivíduos cuja existência vegetativa e sedentária se vai debilitando, enfraquecendo seus músculos, aniquilando suas articulações, afetando órgãos vitais, transformando-os em pouco tempo em indivíduos doentes, "cansados" moral e fisiologicamente.

São indivíduos que muitas vezes, aos trinta anos, em plena maturidade, submetidos a um esforço físico normal, são tomados de grandes perturbações. São incapazes de um esforço físico prolongado, são indivíduos "cansados", vivem pela metade, mas estão satisfeitos com apenas trinta anos. Cronologicamente, tem trinta anos, fisiologicamente tem cinquenta. Não vivem, vegetam à margem da vida, e cedo desaparecem, após ter arrastado atrás de si uma cadeia de doenças e contrariedades.

Nós lamentamos estes indivíduos, que ramos trazê-los à vida.

Não preconizamos uma existência esportiva. Queremos equilíbrio entre a atividade física, a atividade intelectual e o desenvolvimento moral do Homem.

Na própria Cultura Física em particular nós ainda procuramos o equilíbrio, isto é, a Saude.

Não nos interessa o indivíduo hipertrofiado, todo músculos, produto de uma Cultura Física especializada exagerada. Queremos o indivíduo normal, nada mais que normal, capaz de correr em velocidade ou em resistência, de saltar, de suportar um determinado esforço.

Mesmo no esporte, que é o coroamento da Cultura Física, nós ainda objetivamos equilíbrio.

O recordista mundial é um fenômeno, um anormal, é um indivíduo que se especializou no mais alto grau, lançando mão de todos os seus recursos na sua luta titânica contra o "record".

Quando assim falamos, nos referimos aos grandes "records", obtidos à custa de uma especialização absoluta em detrimento de outras qualidades físicas e fisiológicas do organismo.

Não obstante, somos pelo maior aperfeiçoamento possível em cada ramo de atividade física, desde que o atleta as pratique também em conjunto.

No esporte, o que se procura é o ostíjo, isto é, obter o máximo de resultado

com o mínimo de esforço para esse resultado ou o máximo de economia com o máximo de rendimento.

Mas nós falávamos com tristeza daqueles infelizes que, à margem da vida, vão se extinguindo aos poucos numa existência sedentária e vegetativa. Nós não devemos lamentá-los. Devemos, sim, verbejar o seu procedimento porque o momento histórico que atravessamos é gravíssimo, os horizontes sombriamente carregados, e a Pátria precisa de toda a energia física, moral e intelectual dos seus filhos.

Necessitamos de uma geração vibrante e forte, porque o valor guerreiro de uma nação ainda hoje repousa fortemente no valor físico e moral de seus filhos, e um doente e um incapaz voluntário é um criminoso de lesa-Pátria.

Américo R. Netto, em sua brilhante obra "Jogos Olímpicos de Ontem e de Hoje", com rara felicidade focaliza os quatro episódios da Batalha de Maratona, que são outras tantas afirmações do vigor físico ao serviço da Pátria.

Quando, no ano 490 A.C., um fabuloso exército persa invadiu o território grego, um arrepe de angústia sacudiu Atenas, que enviou um arauto à Sparta, para pedir o socorro da cidade dos guerreiros invencíveis.

Esse atleta vai percorrer de ida e volta quase sem se deter, o percurso de 230 quilômetros que separavam Sparta de Atenas, numa primeira afirmação do valor atlético ao serviço da guerra. Os guerreiros spartanos, afastados de sua cidade por cerimônias religiosas, não podiam levar com presteza sua poderosa ajuda, e a situação de Atenas, como baluarte da Civilização Grega e Sentinela da integridade da Pátria, era fortemente ameaçada.

Milícias, comandante das falanges atenienses, numa resolução incrível de audácia e heroísmo, vai atacar de surpresa o formidável exército persa, e com seus guerreiros armados dos pés à cabeça, percorreu em formação de batalha os 2.000 metros que o separavam do inimigo, numa avassaladora carga a pé, em que, à ponta de lança, aniquilou as hostes invasoras.

Era a segunda afirmação do valor esportivo ao serviço da guerra.

E quando, após 250 quilômetros de marcha forçada, os lanceiros espartanos chegaram à planície de Maratona para tomar parte na batalha, só encontraram o solo juncado de cadáveres e no horizonte as silhuetas das naves guerreiras dos persas em fuga desesperada.

E' quando Phidippides, o Ateniense, ferido no combate, vai fazer os 43 quilômetros de Maratona à Atenas, para levar a notícia do extraordinário triunfo do valor físico e moral do Ateniense. Memorável façanha que lhe trará a morte e também a glória que se perpetuou até os nossos dias.

Isto, porém, foi no passado. O tempo correu, passaram-se séculos, e a névoa já desceu sobre aqueles acontecimentos. Analisemos agora fatos menos remotos.

No término da guerra passada, a Alemanha perdera 6.000.000 de soldados, que ficaram nos campos de Flandres, na frente de Verdun, nas trincheiras intermináveis, e nos hospitais de sangue. Foi uma sangria tão violenta, que parecia ter determinado um trágico colapso na vida do país. Havia desaparecido a mocidade entusiasta, os homens válidos, os reprodutores de raça, e a repercussão de tal fato deveria afetar durante longos anos a vida de toda a nação. A Alemanha apelou para que as mulheres desses filhos à pátria, porque a Estado os transformaria pela Educação Física em Atletas, e pelo treinamento militar em Soldados.

Em 15 anos, aquele organismo combatido, que estivera nas vascas da agonia, ia levar o terror à morte, a ruína e

nuos ou negligentes, porque já então estava transformada na mais poderosa máquina militar de todos os tempos, tendo sido elemento primordial de sua formação a Educação Física Utilitária Guerreira.

Já mais tarde, quando após uma série de vitórias militares, a Alemanha ocupa a pacífica Noruega, fomos surpreendidos pelas notícias quase imediatas aos últimos combates de Narvick, que competições atléticas desportivas estavam sendo realizadas nas várias cidades ocupadas pela Wehrmacht.

E mais tarde, quando o exército alemão se empenhava em séries campanhas, em várias frentes longínquas e difíceis, até nós chegavam filmes nazistas mostrando festas esportivas, jogos atléticos no interior da própria Alemanha.

Seria possível que os soldados nazistas no primeiro caso, houvessem se julgado vencedores, e se desinteressassem da guerra por coisas fúteis como o esporte? Seria possível que os adolescentes do interior do país, egotisticamente se distraíssem com frivolidades, enquanto milhares de compatriotas seus pereciam nos campos de batalha? Não.

O Estado nazista procurava manter em forma física seus guerreiros então em trégua temporária, distraíndo seu espírito, fortalecendo seus músculos e estreitando os laços de camaradagem por meio de jogos esportivos. E mais tarde, quando suas tropas em situações críticas, estimulava a cultura física e as manifestações esportivas, forjava novos atletas, que seriam outros tantos soldados para as linhas de frente.

Quando a Inglaterra enchia seus campos de aviação de centenas de pilotos, mecânicos, artilheiros, observadores, em

trajos de esporte praticando metódica e perseverantemente, a Educação Física não estava, certamente, esquecida do seu grande e único problema que era a guerra.

O alto comando da R.A.F. sabia o que de coragem, energia moral, resistência e vigor físico eram necessários à equipagem de um Wellington, para percorrerem os 4.000 quilômetros de seu raio de ação, em rondas noturnas, levando a mortífera carga de 2.000 quilos de bombas ao próprio coração da Alemanha. Sabe-se que um Catalina voou 24 horas a fio em perseguição do Bismarck, e pode-se facilmente compreender a enorme despesa orgânica que esta gigantesca tarefa exigiu de seus excepcionais tripulantes. Finalmente, não é por puro espírito de divertimento que vemos momentos antes de embarcarem nos super-caças, que desenvolvem 800 quilômetros a hora e voam a 11.000 metros de altura, os pilotos ingleses praticarem rápidos movimentos, arremessos de pequenas bolas, que lhes ativarão a circulação e elevarão a pressão arterial, preparando-os para rapidíssima ascensão a grande altura.

Não resta dúvida, que nas batalhas terrestres de hoje, avultam terrificamente monstros de aço de mais de 80 toneladas, vomitando fogo na sua marcha implacável. Mas o que comumente não meditamos é no inferno de vida da guarnição no bojo de uma dessas máquinas, percorrendo durante horas os mais acidentados terrenos, sendo sempre o alvo preferido pelo inimigo no fragor das batalhas, homens que devem ter nervos de aço e um valor físico a toda prova.

E só focalizamos a máquina nas suas mais elevadas manifestações na guerra moderna. E não falamos do infante, do artilheiro, do engenheiro e do cavalarião, a destruição, a seus vizinhos fracos, ingê-

porque as hercúleas tarefas que lhe estão reservadas são do conhecimento de todos.

Hoje, como ontem, é no valor físico-moral e intelectual de seus filhos que repousa o valor guerreiro de uma nação, e é seu valor guerreiro que garante a segurança da Pátria.

Foi em uma memorável carga que Milícias derrotou fragorosamente o exército persa; foi em cargas de cavalaria e assaltos de baloneta que escrevemos páginas gloriosas em nossas vitoriosas campanhas; foi em combates corpo a corpo que franceses e alemães, em episódios heroicos, disputaram palmo a palmo o solo de suas trincheiras de 1914 a 1918; e assim o é no presente, pois só com o Assalto Final, o Homem conquista e garante a posse do terreno, o que constitui a consolidação da vitória.

Não subestimamos o medonho poderio do moderno material de guerra, mas garantimos que os tanques de guerra, as redes de arame eletrificado, a artilharia pesada e pesadíssima, o fantasma do avião e da guerra química, não as cores violentas, são o cenário dantesco do episódio apocalíptico da guerra.

Mas a realidade, o elemento de combate, o ponderável da luta, é o Homem que continua sendo o fator decisivo da vitória.

E é por isso que, levados quer altruisticamente pelo nosso anseio de perfeição e beleza, quer egoisticamente pela necessidade da legítima defesa, numa época de intranquilidade e de insegurança, apelamos a todas as forças vivas da nacionalidade para a magnífica cruzada d Educação Integral que garantirá o aperfeiçoamento total da Raça Brasileira.